

**“UM POETA NÃO SE FAZ COM VERSOS”:
TORQUATO NETO E A PRODUÇÃO CULTURAL NA DÉCADA DE 1970.**

VALÉRIA APARECIDA ALVES *

O trabalho comunica pesquisa a realizada sobre a produção cultural no Brasil na década de 1970. Elegeu-se como objeto de estudo Torquato de Araújo Neto, sujeito que vivenciou as transformações políticas, econômicas e culturais ocorridas no final dos anos 50 e nas décadas de 1960-70. Figura relevante do movimento musical tropicalista, embora pouco visível para o grande público, contribuiu através da composição de letras das canções, como “Geléia Geral”, que pode ser considerada como síntese do movimento. Contribuiu, ainda, para ampliar a repercussão do debate estético durante o final dos anos 60 e início dos anos 70, através das colunas “Música Popular”, publicada no jornal dos Sports, no ano de 1967, “Plug”, no *Correio da Manhã* e “Geléia Geral”, no jornal *Última Hora*, ambos na década de 70.

Não se tratou de elaborar uma biografia no sentido literal do termo – narrativa dos fatos particulares das várias fases da vida de uma pessoa ou personagem. Mas de refletir, a partir da trajetória de Torquato Neto, sobre o debate estético e político nas décadas de 1960 e 1970. Aprender, através de sua visão singular o contexto histórico e cultural vivido sob o período de Ditadura Militar. Analisei através de sua produção (canções, colunas, cartas e poemas) as propostas de renovação para a música popular brasileira e o debate suscitado. Discuti, através da trajetória de Torquato Neto, a rede de relações estabelecidas no contexto histórico, com suas contradições e disputas pela hegemonia. Analisei através da narrativa produzida por Torquato Neto, sua visão de mundo e sua consciência do lugar social que ocupava no contexto histórico. “A biografia pode ser um elemento privilegiado na reconstituição de uma época, com seus sonhos e angústias”. (DOSSE, 2009: 11) Contudo, é necessário observar os riscos de “heroicizar” o indivíduo estudado. Pois, “para o historiador, a redação de uma biografia presta-se a toda sorte de desvios. Convém manter certa distância do sujeito que em geral lhe é simpático e que, por isso mesmo, o arrasta a uma adesão não apenas intelectual, mas não raro afetiva e passional. Existe, pois, uma “ilusão biográfica” de que é bom desconfiar” (DOSSE, 2009: 208).

* Universidade Estadual do Ceará – UECE. Doutora em História Social.

Para problematizar a trajetória vivida por Torquato Neto, as cartas que trocou com o amigo Hélio Oiticica foram fontes privilegiadas na pesquisa. Entendidas como *escritos autobiográficos*, “as cartas revelam um grande campo de possibilidades para o historiador, pois resultam de atividades solitárias de introspecção, da *escrita de si*, na primeira pessoa, na qual o indivíduo assume uma posição reflexiva em relação à sua história e ao mundo onde se movimenta” (MALATIAN, *In* PINSKY e LUCA, 2009: 195), constituindo, dessa forma, fonte privilegiada para acessar as representações do sujeito pesquisado.

“Eu sou como sou”

Torquato Pereira de Araújo Neto nasceu em 9 de novembro de 1944, em Teresina, Piauí. Pertencente a uma família de classe média, filho único do promotor público Heli Rocha Nunes e da professora primária Maria Salomé da Cunha Araújo. Ainda adolescente, revelava o desejo de deixar a casa dos pais, em busca de um ambiente mais “agitado” para viver novas experiências. Após, vencer, principalmente, a resistência materna, mudou-se para a Salvador no início da década de 1960, a fim de continuar o ensino secundário, como interno no Colégio Nossa Senhora da Vitória. Na Bahia, encontrou um ambiente cultural bastante fértil, a denominada “Era Edgard Santos”. Foi também, onde aproximou-se de Caetano Veloso, Gilberto Gil e Tom Zé, com quem desenvolveria o projeto da Tropicália.

Concluiu o ensino secundário no Rio de Janeiro, em 1962 e no ano seguinte ingressou na Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil (hoje UFRJ), para cursar Jornalismo. Contudo, abandonou o curso dois anos mais tarde. No Rio de Janeiro, ainda, como estudante secundarista, aproximou-se do movimento estudantil e frequentou os espetáculos promovidos pelo Centro Popular de Cultura – CPC da UNE.

Com o golpe militar em 1964, retornou à Teresina, Piauí, atendendo ao pedido dos pais que revelavam preocupação com a situação vivida no Rio de Janeiro, marcado por agitações e protestos.

A estreia de Torquato Neto como letrista - como se auto definia - ocorreu em 1965, quando compôs duas canções em parceria com Gilberto Gil, “*Louvação*” - que foi gravada com muito sucesso por Elis Regina e “*Meu choro para você*”. No período de 1965 e 1966, Torquato já se destacava como letrista. Compôs com Edu Lobo: “*Para dizer Adeus*”, “*Lua Nova*” e “*Veleiro*”. E, ainda, em 1966, compôs em parceria com Gilberto Gil, as canções: “*A*

rua”, “Vento de Maio”, “Zabelê” e “Minha Senhora”. As canções foram gravadas, no mesmo ano, notabilizando-o.

Em 11 de janeiro de 1967, Torquato casou-se com Ana Maria Duarte, sua namorada desde 1963, na igreja de São Pedro Apóstolo, no Rio de Janeiro. Porém, três anos depois descobriram que o casamento não era válido, pois havia esquecido de registrá-lo em cartório.

No ano de 1968, o Tropicalismo, chegava ao auge, com o lançamento do disco-manifesto *Tropicália* ou *Panis et Circencis*, que reúne na capa os representantes do movimento: Capinam, Nara Leão, Caetano Veloso, Gilberto Gil, Rogério Duprat, Os Mutantes, Tom Zé, Gal Costa e Torquato Neto.

Apesar o sucesso do movimento, Torquato Neto já revelava crises de depressão e naquele momento (1968) ingeriu um frasco de comprimidos Valium, tentando, pela primeira vez, o suicídio, o que resultou em internação hospitalar:

[...] Sua vida, subitamente, tornara-se muito agitada, sempre acompanhada de grandes noitadas e trazendo novas confusões amorosas. Não raro ele sumia, ficava um, dois dias sem aparecer. Aliás, há evidências de que foi o resultado de uma paixão interrompida que levou Torquato a praticar, em São Paulo, uma das tentativas de suicídio que lhe seriam atribuídas a partir de agora. (VAZ, 2005: 113)

Em clima de tensões políticas, acentuadas pela edição do AI-5, censura, tortura, polêmicas e críticas feitas à *Tropicália*, ocorreu a fragmentação do grupo e o encerramento do movimento em 1968. Torquato Neto se afastou num autoexílio. Em 3 dezembro de 1968, embarcou com Hélio Oiticica para Londres – que faria uma exposição retrospectiva de sua obra na galeria *Whitechapel* - e foi a bordo do navio que recebeu a notícia da edição do AI-5.

No exílio manteve-se atento à situação política vivida no Brasil. Neste momento, recebeu a notícia da prisão de Caetano Veloso, Gilberto Gil e Rogério Duarte – considerado um dos intelectuais do movimento tropicalista.

Em 1969, ainda em Londres, Torquato continuava atento à situação vivida no país e a mudança de cenário não tinha alterado seu ânimo. Continuava deprimido, como registrou em seu diário:

[...] e eu estou escrevendo porque é a única coisa que posso fazer agora e porque me apraz. estou muito cansado e não tenho nenhuma pergunta a fazer nem tenho uma única resposta diferente. flávio ouviu no rádio e ana me contou que no brasil o presidente está paralisado, o vice-presidente não assumiu e uma junta militar tomou a presidência. mas é provisório, torquato neto. e eles vão qualquer dia arrumar outra solução, brasileira, mulata e sentimental. por isso não posso pensar em escrever meu filme (que talvez nunca faça porque estou mais velho do que me imagino e porque estou condenado à grande morte) e (mais), devo continuar observando o escuro. de

qualquer modo penso, e estou vivo. ana deve pensar que não, que morri definitivamente mas ela não terá coragem de acreditar, porque é mentira, ela sabe que eu vim ao mundo e que é diferente, porque ainda faltam certos acabamentos que estou aqui para providenciar. Isto me deixa perplexo na medida em que eu vou indo mas não tenho clareza nenhuma sobre como e porquê. ana ainda acredita. [...] (TORQUATO NETO *apud* PIRES,2004a: 297)

Diante da situação política no Brasil, Torquato Neto revelava sua preocupação com o destino de sua esposa, temendo sua prisão, o que já havia ocorrido com alguns de seus companheiros, planejava sua transferência para Londres. Em correspondência enviada ao cunhado Hélio Silva, relatou:

*[...] está tudo uma confusão dos infernos: remeti ontem uma passagem para Ana embarcar assim que possível para Londres, mas hoje fui informado pela companhia que todas as estações de telex e correio e telefone internacional entraram em greve na Inglaterra até, no mínimo, dia 28. ou seja: possivelmente essa ordem não chegará por aí antes disso , o que vai me atrasar bastante todos os planos. [...] caetano e gil estão realmente em cana, soube que cortaram o cabelo de Caetano e a barba de Gil. informação segura: guilherme está em paris e me contou pelo telefone. Estão presos há pouco mais de um mês e não se sabe quando serão postos a passear novamente. é incrível, o Brasil está cada vez mais ridículo, como te falei na outra carta, vou ficar por aqui, no mínimo, até o fim do ano. é imbecialidade pura voltar por aí antes disso e eu não sou otário.[...] (TORQUATO NETO *apud* VAZ, 2005:127)*

Ana Duarte chegou em Londres em fevereiro de 1969, quando alugaram um apartamento e fixaram-se em Londres. Ambos auxiliaram Oiticica na montagem da exposição e durante sua permanência na cidade puderam se aproximar de artistas e intelectuais que agitavam a cena cultural inglesa. Torquato Neto mostrava-se bastante atento, principalmente sobre a produção de cinema, que acompanhava com interesse. Em carta, destinada ao cunhado – Hélio Silva qualificava o filme *Teorema* de Pier Paolo Pasolini:

*[...] realmente, meu filho, fiquei viciado em “teorema”. não li os críticos de paris, nem os de londres e muito menos os bestas do jornal do Brasil, mas garanto que tá todo mundo por fora. não é filme pra crítico, sabe? e o tal “conteúdo místico” é só um detalhe pra gente pensar, dentro de uma tese muito mais ao meu gosto, linda, sobre a moral burguesa, aquela estória que eu vivo falando, sabe? envenena a moral dessa turma que o negócio apodrece. talvez eu esteja apenas puxando demais a farofa pro meu capão, mas isso é o que eu acho maravilhoso em “teorema” e em pasolini. você verá (se não cortarem demais) e dirá se estou dizendo imbecilidades. de qualquer maneira, continuarei achando o filme fantástico, inteligentíssimo e inteiramente por dentro. [...] (TORQUATO NETO *apud* VAZ, 2005: 127)*

Em maio de 1969, Torquato mudou-se para Paris, instalando-se inicialmente no Hotel Excelsior e depois no Hotel Stella, próximo à Sorbonne. Mesmo, vivendo em dificuldades financeiras, registradas nas cartas e diários, aproveitava os eventos culturais, principalmente

cinema, acompanhando, inclusive a produção brasileira. Em, mais uma carta para o cunhado Hélio Silva, comentou:

[...] estou irritadíssimo. Imagine que ontem à noite me entusiasmei um pouco além da conta e fui assistir “vida provisória”, aquele filme nojentíssimo do maurício gomes leite. puta que pariu! ainda não me recuperei da porrada, não entendo mais nada, acho que não sei mais de coisa alguma, nunca vi nada igual. ainda bem que o filme do glauber passa na semana que vem. [...] (TORQUATO NETO apud VAZ, 2005:140)

Na mesma carta, comentava sobre a cena musical brasileira, que em sua opinião retrocedia no processo criativo em razão da ausência de muitos artistas e em virtude do clima de violência e repressão que o país vivia. Consciente do clima de censura ampliada no Brasil, deixou recado para um possível censor:

[...] eu juro por deus como aquela história da volta da canção romântica, reedição compacta de velhos ídolos e canções eu já sabia que aconteceria. [...] e te digo mais: esperanças de que os próximos festivais clareiem as coisas é bobagem. não vai clarear nada, mesmo que os grandes medalhões que estão fora voltem para concorrer. só quem podia continuar clareando um pouco éramos nós: edu, chico, marcos valle etc., você sabe, não iriam mais clarear porra nenhuma. Depois, eu conheço os compositores que ficaram aí. Você verá, nos próximos festivais, enxurradas de canções ou iê-iê-iês românticos e mesmo os que andaram macaqueando a tropicália recentemente já não terá, coragem de continuar. Vai ser chatíssimo. ângela maria (que eu adoro) voltará em grande estilo e sílvio caldas (enjoadíssimo) defenderá a canção vencedora. qualquer coisa assim. essa história de censura censurando cartas é o fim da picada. por favor, senhor censor, pare aqui, tenha vergonha, a carta não é para o senhor, vá tomar na bunda. [...] (TORQUATO NETO apud VAZ, 2005: 140).

Apesar da agitação cultural que enriquecia os projetos de Torquato Neto, as dificuldades financeiras agravavam-se e o desejo de retornar ao Brasil acentuava-se. Porém, sentia-se inseguro com a situação política no Brasil, que mesmo distante, acompanhava atentamente. Em 3 junho de 1969, comentava em carta para o cunhado Hélio Silva, a situação enfrentada por ele, mas, também, por diversos exilados naquele momento:

[...] minha situação vai ficando embaraçosa e eu já não sei mais o que pensar. gostaria de voltar ao Brasil apenas depois que caetano e gil fossem liberados e pudessem me contar exatamente o que esses caras sabem e querem. mas ao mesmo tempo começo a me chatear, não sou daqui, não quero viver aqui e gostaria muito de voltar pra casa no fim do ano. e tenho medo, não sei precisamente de que, tenho a impressão de que não seria preso, mas tenho e sustento o palpite de que eles me guardariam o passaporte e eu não conseguiria sair do brasil tão cedo. (TORQUATO NETO apud VAZ, 2005: 141).

Contudo, apesar dos receios sobre seu retorno ao Brasil, Torquato Neto preparou sua volta, após uma viagem para Espanha e Portugal. Em dezembro de 1969, embarcou para o Brasil, com sua esposa grávida de seis meses.

No retorno ao Brasil, Torquato Neto evidenciava mudanças. Já na aparência revelava a transformação que sofrera no período de autoexílio – adotara o estilo *hippie* – cabelos compridos (no estilo *Black Power*) e barbas longas. No Brasil os cenários político e cultural também haviam mudado. O período era de acirramento do clima de repressão e, conseqüentemente, de “esvaziamento” dos movimentos sociais de oposição. Mas, ao mesmo tempo, novos projetos eram desenvolvidos. Começava no Brasil, a expansão da “contracultura”, movimento do qual se aproximou e no qual encontrou artistas e intelectuais com quem travou intenso diálogo:

[...] No Brasil, a contracultura foi um movimento social que procurou romper com a modernização da sociedade brasileira posta em prática de forma autoritária pela ditadura militar, estabelecida no país com o golpe de 1964. [...] No período de 1969 a 1974, apenas a luta armada – além da contracultura – procurava combater a sociedade vigente. Mas, ao contrário da luta armada, que priorizava o combate ao aparato repressivo do Estado, a contracultura dirigia-se para o que, de acordo com a sua visão de mundo, seria o fundamento do autoritarismo: a racionalização da vida social. O questionamento contracultural da racionalidade incidia nas mais diferentes dimensões da vida cotidiana. [...] suas principais características: a ênfase na subjetividade em oposição ao caráter objetivo / racional do mundo exterior, a aproximação com a “loucura” e a marginalidade, a construção de comunidades alternativas. (COELHO In RISÉRIO, 2005:39).

Os movimentos de contracultura não podem ser definidos como “esvaziados” politicamente. As ações, os comportamentos, os posicionamentos e as expressões artísticas eram politizadas, porém, as estratégias de resistência, de oposição ao autoritarismo são distintas da década anterior, mas não menos importante ou compromissada. Na década de 1970, após a derrota das reivindicações feitas nos “anos rebeldes” e a ampliação do autoritarismo, a postura assumida por muitos jovens pode ser considerada anárquica. A organização de comícios, passeatas, greves e outras manifestações coletivas foram rejeitadas, a ação era mais individual do que coletiva, sem dúvida, mas não significa que por isso fosse conformista ou passiva, pelo contrário, o conformismo e a passividade eram rejeitados e combatidos pelos movimentos de contracultura, através das atitudes, das manifestações – principalmente artísticas – o protesto, as reivindicações, o debate, a reflexão, a resistência ao

autoritarismo e o combate dos preconceitos foram evidenciados, a partir da reinvenção da ação política.

Na década de 1970 muitos jovens perceberam que a política está contida em todas as dimensões da vida em sociedade e não apenas nas formas institucionalizadas. A ação política estava no cotidiano e através dos comportamentos mais corriqueiros, muitos jovens continuavam a reivindicar a liberdade, demonstrando que a oposição, ainda, era possível, necessária e viável. Inconformado com o cenário político e cultural do país nos anos 70, Torquato Neto se aproximou, desenvolveu parcerias e projetos com Hélio Oiticica – o principal interlocutor, que mesmo morando em Nova York até 1978 manteve o diálogo frequente através de correspondências – Ivan Cardoso, Júlio Bressane, Rogério Sganzerla, Luciano Figueiredo, Oscar Ramos, Pérciles Cavalcanti, Rogério Duarte, Cildo Meireles, Neville Duarte de Almeida, Waly Salomão, Carlos Vergara, Reynaldo Jardim, José Simão, Duda Machado, Jorge Mautner, Jards Macalé, Zé Português, Carlos Pinto, Lygia Clark e Lygia Pape. Eram artistas plásticos, fotógrafos, cineastas, compositores, músicos, poetas, artistas gráficos, escritores e jornalistas, que compartilhavam o discurso contestador e a postura anárquica, buscavam e recriavam os espaços para a divulgação de suas produções e, através da pesquisa e experimentalismo propunham uma nova estética, contrária ao *status quo* cultural vigente, todos alinhados ao movimento da contracultura.

As referências intelectuais marcantes no movimento de contracultura foram: Sigmund Freud, Jean-Paul Sartre, Herbert Marcuse, entre outros. Na produção de Torquato Neto, percebe-se tal influência, como a discussão sobre o existencialismo proposta por Sartre, principalmente, as reflexões publicadas na obra *O Ser e o Nada*, de 1943, sobre a busca filosófica da consciência sobre si e auto certeza, fundamentada no *Cogito* – consciência de si mesmo -, na necessidade de explicar, racionalizar sua realidade, sua essência.

Das leituras de Marcuse, Torquato Neto incorporou as reflexões sobre a sociedade industrial, consumismo, indústria cultural, liberdade, sexualidade, mobilização social e revolução. As discussões apresentadas pelo filósofo, principalmente, na obra “*Eros e a Civilização*”, circularam no mundo inteiro e causaram impacto e influência na metade da década de 1960, principalmente entre a juventude de classe média – universitários que tinham acesso a tal leitura -, favorecendo o surgimento de uma nova forma de organização e contestação social: os movimentos de contracultura.

E foi nesse contexto, de debates, ampliação do autoritarismo e movimentos de contracultura que, em 27 de março de 1970, nasceu o filho de Ana Maria e Torquato Neto – Thiago Silva de Araújo Nunes -, e dois meses depois, cada vez mais deprimido, Torquato se submeteu a duas internações: primeiro no Sanatório de Botafogo e depois no Hospital Psiquiátrico Pedro II, ambos no Rio de Janeiro.

A internação em sanatórios ou “hospícios” era recorrente no Brasil, na década de 1970, sobretudo entre os jovens envolvidos nos movimentos de contracultura, inclusive como prática repressiva.

Naquele momento, mesmo tendo firmado novas parcerias musicais – Carlos Pinto, Geraldo Azevedo, Jards Macalé e Luiz Melodia - e continuado a compor, sua prioridade deixava de ser a música e dedicava-se, cada vez, mais ao cinema. Aproximou-se do projeto super-8, um novo formato cinematográfico comercializado a partir de 1965 pela Kodak. Proposto, inicialmente, apenas para o uso amador, o baixo custo e a qualidade tornaram o super-8 extremamente popular entre estudantes e cineastas iniciantes. Na década de 1970 o novo formato passou a ser o preferido para o desenvolvimento do cinema experimental. Torquato, tornou-se seu principal divulgador – através da coluna *Geléia Geral*, no jornal *Última Hora* - e defensor intransigente, fato que resultou em enorme e acirrada polêmica com os representantes do Cinema Novo.

Após a breve passagem pelo *Correio da Manhã*, Torquato Neto foi responsável pela coluna diária – *Geléia Geral* para o jornal *Última Hora*, no período de agosto de 1971 a março de 1972. O assunto abordado era a produção cultural vigente: música, cinema e teatro. Na coluna, Torquato Neto manteve a ideia, já anunciada para a coluna *Plug*, da seção: *Do lado de fora* – comentando a produção cultural estrangeira, que conhecia, sobretudo, através das correspondências trocadas com o amigo Hélio Oiticica:

[...] Na *Geléia Geral*, a coluna que estou fazendo em UH, tenho publicado quase tudo o que fico sabendo daí (vou mandar alguns xeroxes pra você). Quando soube do boato da tal exposição em São Paulo, arrisquei e dei uma nota por minha conta afirmando que você não iria fazer exposição nenhuma, nem capas para *Veja*. Agora, depois que chegou seu texto sobre o assunto, publiquei por lá também porque acho esse assunto urgente e ficar esperando que esses jornais saiam é perder tempo. [...] (TORQUATO NETO apud PIRES, 2004b: 17-18)

Na coluna *Geléia Geral*, Torquato Neto, rompeu de vez com a forma da produção textual. Utilizava uma linguagem mais do que coloquial, muitas vezes, indecifrável. A coluna

era um canal de comunicação com os amigos, tanto os que estavam no Brasil, como aqueles que estavam do “*lado de fora*”, como Hélio Oiticica, com quem mais dialogou. Na seção *Pop Pop*, divulgava notas sobre as estreias teatrais e musicais, comentava os lançamentos dos discos e anunciava os projetos da imprensa alternativa: *Flor do Mal*, *Presença*, *Rolling Stones* e *Verbo Encantado*.

Como colunista, Torquato Neto, garantia sua sobrevivência, mas, sobretudo, utilizava tais espaços para discutir os temas que julgava importante na produção cultural, para opinar, sugerir mudanças necessárias no cenário da cultura e política brasileira e denunciar toda forma de autoritarismo.

Através da análise das colunas de Torquato Neto, percebe-se que a coluna era um espaço de militância. Utilizava-a para anunciar todas as formas de resistência que estavam em andamento no país. Seus comentários, entrevistas e notas não eram feitos apenas para informar o público sobre a programação cultural, mas para explicitar, que mesmo sob a severa censura, havia resistência, através da produção artística. Dessa forma, procurava não apenas criticar o autoritarismo, mas provocar mudanças. Afirmou: “as palavras, eu aprendi novamente, não são armas inúteis”. (TORQUATO NETO, *Jornal Última Hora*, 3. nov. 1971).

A militância de Torquato Neto era a forma característica de engajamento nos anos 70, pois, “diferentemente dos anos 60, em geral, esse engajamento significou um apoio às causas de esquerda a título individual, do artista como cidadão – ou incluindo em seu trabalho veiculado pela indústria cultural alguma mensagem política”. (RIDENTI, 2000:335).

Em carta enviada ao jornalista Almir Muniz (provavelmente redigida no período de 1971 a 1972, pois apesar de não ter sido datada, o texto revela que Torquato Neto, ainda, estava à frente da coluna *Geléia Geral* no jornal *Última Hora*), explicitou a importância de “ocupar espaços” e resistir:

Almir,

Rasgue em seguida, please, no documents. Não estou encontrando outro jeito de falar normalmente com você. Há muito confete no ar. Na verdade mesmo eu só quero é que você compreenda e pronto, sem precisar tomar qualquer “providência”. Escute: não está na hora de transar derrotas. Eu digo na porra da geléia: ocupar espaço, amigo, estou sabendo, como você, que não está podendo haver jornalismo no Brasil e que – já que não deixam – o jeito é tentar, não tem outro que não seja desistir. E eu sinceramente acredito que não está na hora de desistir: ou a gente ocupa e mantém a porra do espaço, pra utilizá-lo, pra transar, ou a gente desiste. eu prefiro o “sacrifício”. [...] (TORQUATO NETO apud PIRES, 2004a:286).

Na carta de Torquato Neto, nota-se a preocupação com a censura, com receio sobre o que poderia ocorrer, caso a carta fosse lida: recomendava a sua destruição, logo após a leitura. Observa-se, também, o tom da “urgência”. Torquato Neto, revelava sua preocupação com a possível decisão do jornalista Almir Muniz de desistir de seus projetos, em razão da intensificação dos mecanismos de repressão. Nota-se no trecho a proposta e clareza que Torquato Neto têm de sua atividade: a coluna *Geléia Geral*, no jornal *Última Hora*, era uma estratégia de resistência, ou seja, diante da ampliação dos mecanismos de cerceamento das liberdades, a alternativa, para aqueles que insistiam na oposição e decidiram pela resistência, era ocupar todos os espaços disponíveis e “driblar” a censura.

Em outro trecho da carta, Torquato Neto, explicou sua estratégia de resistência, explicando não tratar-se de “adesismo” ou “conformismo”, ocupar os meios de comunicação de massa, mas, pelo contrário, defendeu que estes espaços deveriam ser utilizados para fazer a oposição:

[...] esse ari de carvalho é um homem perigoso, mas você não me diga que – seja o que for – não há bastante malandragem na jogada. por enquanto, esse imbecil está deixando (explico já) a gente utilizar um espaço que está sendo cogitadíssimo: não é jogo de inimigo, é porque não está pintando outra: eu ou você podíamos muito bem optar (desculpe) pelo copidesque do globo, que é simples, bem pago e tal, cômodo e cretino, do ponto de vista mesmo profissional, afastado de mim esse cálice: o ari de carvalho, eu não faço a mínima idéia por que, está garantindo não o empreguinho da gente, que é uma merda, mas isso que eu não chamo espaço e não quero que me ocupem. Eu digo: brechas [...] (TORQUATO NETO apud PIRES, 2004a:286

No trecho citado, Torquato Neto expôs a situação vivida no país. E, embora, os espaços para a oposição estivessem reduzidos, mediante a ampliação da censura, ainda visualizava possibilidades de resistência. As “brechas” existiam e deveriam ser ocupadas. Evidencia, também, que a atividade profissional não era fundamental para ele. Diz, explicitamente, não estar satisfeito com o emprego que tinha, mas enxergava na coluna do jornal *Última Hora* um canal de comunicação importante para manifestar-se contra a situação vivida. Na carta, extensa, reiterava sua posição e solicitava, desesperadamente, ao amigo que entendesse sua proposta:

[...] eu digo brechas: é por elas, amigo: essa bosta do última hora é uma brecha que está pintando: eu não tenho que agradecer a nada nem muito menos de derrubar a permissividade: eu só quero é o poder, sabe? Política: a última hora tem que avisar solenemente ou não à empresa que pensar que nós faríamos o correio, caso

fechasse, seria o cúmulo do desrespeito: essas palavras funcionam por lá, amigo: confundir a porra do inimigo: eu acho, sinceramente, que a última hora não deve parar numa hora dessas: entregaçãõ: dar de presente para a agência nacional, por exemplinho? eu quero manter esse estado crescente, porque eu acredito firme que sem malandragem não há salvação: isso é perigoso de dizer, mas assim mesmo eu corro o risco porque você é você: abaixo esse bomgostinho (sic) da gente. abaixo concordar com esse palavreado. devemos resistir, na marra e quebrando a cara: você pensa que eu faço aqueles títulos do João Ribeiro de brincadeira; não é: é a sério mesmo. cordel, notícias: gb é dor e neurose de pavor. (TORQUATO NETO apud PIRES, 2004a:287)

No trecho, Torquato Neto, revelou suas formas de “driblar” a censura – através da “malandragem”, ou seja, era preciso utilizar toda a criatividade para “despistar” os censores e comunicar a mensagem. Embora, reconhecesse o risco da iniciativa, decidira seguir a estratégia, pelo menos enquanto houvesse “brechas”. Encerrou a carta, reiterando a necessidade de seguir resistindo, “ocupando todos os espaços possíveis”, pois ainda era possível e, do contrário, seria submeter-se, acomodar-se:

[...] eu lhe garanto que na geléia geral brasileira, aqui e agora, o demônio está vencendo, mas eu não posso é desistir. Escrevi lá: abaixo a geléia geral. três vezes, as pessoas pensaram que era a coluna. Tradução: não sabem onde é que vivem e a alienação grassa. Como os jornais são péssimos eu não leio dos jornais – claro, você quer entregar essa possibilidade para os caras e por questões emocionais. Não pode, Almir: não vamos prestigiar ari de carvalho, mas vamos ludibriar ari de carvalho. Ou é assim ou não acredita nas transas. pintemos onde? onde pudermos. pintemos nos jornais, por exemplo: só se publica o que é possível, mas se redige como quer. Não vamos desistir: entregar é agora ali dentro e naquele papo, transar derrotas satisfeitas. isso não é possível, aqui, agora. a morte só é vingança quando é a morte do inimigo, a minha não. quer dizer: eu não sei como é que se explica e sou contra explicações convincentes. vamos deixar o barato das emoções e vamos roer essa parede. Esse papo e pra informar que serei até democrático, porque tenho medo das línguas do Brasil, mas sou totalmente contra parar o outro jornal, o nosso. como é o nome disso? (TORQUATO NETO apud PIRES, 2004a:289).

Apesar de reiterar a necessidade de seguir resistindo, a situação política enfrentada fazia com que Torquato Neto planejasse retornar brevemente para a Europa. Mas, as dificuldades financeiras o forçavam a adiar sua saída do país. Enquanto aguardava reunir recursos necessários para a viagem mantinha-se ocupado. Esboçava projetos, entre eles a publicação de um livro, uma espécie de autobiografia:

[...] Ninguém sabe o que fazer, porque a sufocação só deixa pensar em dar no pé, mas também nenhum de nós está podendo. uma droga. José Álvaro editor quer lançar uma coleção chamada na corda bamba, com transas de “underground” etc. capinam transou muito bem e waly mais eu, se continuarmos andando e podendo, também publicaremos um livro logo de saída. o de waly é aquele mesmo, modificado por questões de custo. O meu, estou tentando organizar agora, chama-

se do lado de dentro e a base é mesmo a geléia geral, mais coisas antigas, coisas do sanatório e muito pouca coisa escrita só para o livro, mas mesmo assim, alguma. vamos ver. [...] (TORQUATO NETO *apud* PIRES, 2004a:264).

Porém, mesmo motivado com seus projetos, o seu comportamento era cada vez mais introspectivo, melancólico e depressivo, levando-o a nova internação, no Hospital Odilon Galotti, no bairro Engenho de Dentro, no Rio de Janeiro:

[...] Naquela altura, Torquato já havia se submetido a três internações. O principal agravante da depressão era o álcool, consumido desde sempre em quantidades industriais. Em sua viagem, as drogas ocupavam um papel menos importante do que na maioria de seus companheiros de geração: a maconha era usada aqui e ali e sua atenção maior era para o LSD – em 1971 passou um mês consumindo ácido diariamente e anotando suas reações. A ligação com a bebida e o ácido não nublava, no entanto, o rigor que ele mesmo se impunha. (PIRES, 2004b:23).

Apesar do tratamento, as crises depressivas persistiam, debilitando, ainda mais, sua saúde física e psíquica. Escritor compulsivo, Torquato Neto também registrou suas passagens pelos sanatórios. No diário, produzido no hospital Psiquiátrico Pedro II, revelou seu estado de espírito, suas angústias e dilemas:

[...] estou fazendo tempo enquanto os remédios que tomei fazem efeito e vou dormir. este sanatório é diferente dos outros por onde andei – talvez seja o melhor de todos, o único que talvez possa me dar condições de não procurar mais o fim da minha vida. Soube hoje que o Rogério esteve aqui, antes. Preciso muito conseguir explicar ao médico tudo o que é necessário. Se eu não escapar desta vez – estou absolutamente certo de que jamais conseguirei outra. Ainda hoje, no entanto, sentado aqui, escrevendo, paro e vejo bem lá dentro de mim, acesa, a luz que me guia para a destruição. Não tenho vontade de viver, mas quero. Não sei por que continuar, mas quero. Alguém vai ter que me explicar alguma coisa e é por isso que vou ficar aqui, até que Deus dê bom tempo. Não sei de nada. Não quero viver, mas preciso. Preciso aprender e talvez aprenda aqui, com os médicos daqui e em companhia dessa gente com quem aprenderei a conversar, conviver e aprender. [...] (TORQUATO NETO *apud* PIRES, 2004a:321).

No trecho, nota-se o estado depressivo acentuado, ressaltava a internação, como sendo sua última chance de recuperação. Afirmava não ter vontade de viver, mas, ainda, resistiria, afirmando “quero”. Demonstrava estar disposto a tentar superar a crise e continuar vivendo. Porém, nas anotações feitas em 9 de outubro de 1971, revelava acentuado pessimismo com relação ao tratamento e demonstrava sentir “profunda solidão”:

[...] aqui dentro – é óbvio – os piores dias são sábados e os domingos. eu não sei como acreditar mais em tudo isso – hoje é sábado, amanhã é domingo, depois é segunda etc. aqui dentro é mais fácil. mas a volta ao lar, ao útero, o encontro com deus – esta pode ser a tentação do demônio. Mas não é não. deus está solto e foi

caetano quem gritou primeiro. posso reconhecê-lo em seus disfarces e vou ao seu encontro como – exatamente – sei que vou morrer. lá fora, os piores dias são todos, principalmente quando me custam vinte e quatro horas de medo, de solidão e monólogos. por isso é difícil participar da contagem regressiva e esperar por domingo, segunda, terça, etc.: a ilusão dos que não compreendem que o número zero é o princípio e o fim de tudo e que a vida é um processo linear que ao mesmo tempo em que vai, está voltando. (TORQUATO NETO apud PIRES, 2004a:322).

O consumo de álcool era o principal problema enfrentado, o que agravava seu estado depressivo. Em outra anotação feita em seu diário, reiterava seu compromisso de resistir e superar-se. Aconselhando a si mesmo, escreveu:

[...] É preciso não beber mais. Não é preciso sentir vontade de beber e não beber: é preciso não sentir vontade de beber. É preciso não dar de comer aos urubus. É preciso fechar para balanço e reabrir. É preciso não dar de comer aos urubus. Nem esperanças aos urubus. É preciso sacudir a poeira. É preciso poder beber sem se oferecer em holocausto. É preciso. É preciso não morrer por enquanto. É preciso sobreviver para verificar. Não pensar mais, na solidão de Rogério, e deixá-lo. É preciso não dar de comer aos urubus. É preciso enquanto é tempo não morrer na via pública. (TORQUATO NETO apud PIRES, 2004a:326).

Torquato Neto recebeu alta em 12 de novembro de 1971 e registrou em seu diário suas expectativas, e, sem revelar otimismo, mostrava que não se sentia recuperado:

[...] anoto que saí hoje do hospital, todo esse tempo depois. É tudo como é: aqui estar, de volta como sempre, mais uma vez. Não sei direito, hoje, o que pode surgir disso tudo, sei o que isso significa e quanto pesa a mais para a adição (paralela à contagem regressiva?) [...] como todo dia é dia D, e disso estou certo, concluo com este 'cinismo' lógico: daqui pra frente, podem crer, posso crer, tudo vai ser diferente. Torquato rides again! upa, upa! (TORQUATO NETO apud PIRES, 2004a:326)

[...] tudo continua. continua parado no centro de minhas especulações, e não sei dizer se já consegui me desfazer de qualquer uma delas. estou morrendo, mais uma vez eu morro soterrado em minhas perplexidades – não sei para o quê estou – e deixo andar. é preciso que eu adquira condições que me permitam sobreviver. o que é sobreviver? tenho conseguido sobreviver até aqui, mas ... o que vivo, o que consigo escrever, o que posso ir sendo são meus bens. Não disponho de outros. o que não sou me mata: assim, assado, sempre: tudo continua como sempre, o mesmo esquema para o fim, a mesma vida de cocô melado, a mesma merda. Só deus pode me salvar, mas eu não conheço deus nem sei onde procurá-lo. disse que estou morrendo – uma vez mais – vivo só pra isso! (TORQUATO NETO apud PIRES, 2004a:328)

Em 1972, após a frustração vivida com o cancelamento da coluna *Plug*, do jornal *Correio da Manhã*, motivou-se com um novo projeto idealizado com Waly Salomão: a revista *Navilouca*. Mas, apesar do empenho e expectativas de Torquato a revista foi publicada em 1974, dois anos após sua morte.

No cinema participou como ator do filme *Nosferatu do Brasil* e *A múmia volta a atacar*, ambos dirigidos por Ivan Cardoso, *Helô e Dirce* de Luiz Otávio Pimentel, foi protagonista no filme *Adão e Eva no paraíso de consumo*, dirigido por Carlos Galvão, e também, dirigiu o filme *O Terror da Vermelha*, ambos filmados em Teresina.

Mas, apesar dos projetos, Torquato revelava que se “sentia esgotado”. Dessa forma, decidiu-se pela morte na madrugada de 10 de novembro de 1972, após ter comemorado seu aniversário de 28 anos. Suicidou-se em seu apartamento, sufocado pelo gás aberto no banheiro. Ao lado de seu corpo foi encontrado um bilhete, seu último manifesto:

Atesto q FICO. Não consigo acompanhar o progresso de minha mulher ou sou uma grande múmia que só pensa em múmias mesmo vivas e lindas feito a minha mulher em sua louca disparada para o progresso. Tenho saudades como os cariocas do tempo em que me sentia e achava que era um guia de cegos. Depois começaram a ver e enquanto me contorcia de dores o cacho de banana caía. De modo q FICO sossegado por aqui mesmo enquanto dure. Ana é uma SANTA de véu e grinalda com um palhaço empacotado ao lado. Não acredito em amor de múmias e é por isso que eu FICO. E vou ficando por causa de este AMOR. Pra mim, chega. Vocês aí, peço o favor de não sacudirem demais o Thiago. Ele pode acordar. (TORQUATO NETO apud PIRES, 2004a:200).

Torquato Neto já estava afastado do grupo tropicalista desde 1968 e, embora tenha continuado a produzir - escreveu letras de canções e poemas até o ano de sua morte (1972), elaborou roteiros, dirigiu e produziu filmes em super-8, revelou, através do texto deixado ao lado de seu corpo, a descrença de que poderia continuar inovando e criando. No bilhete evidenciou sua angústia pela falta de capacidade intelectual – artística. Dessa forma revelava-se derrotado.

Seu corpo foi enviado ao Piauí, onde sua família o sepultou, no Cemitério Municipal de Teresina, sem a presença da esposa Ana Duarte – que, embora tivesse acompanhado o corpo, não quis participar da missa fúnebre nem do enterro - e de seus antigos parceiros tropicalistas.

Além de rejeitar a análise “heroicizante” de Torquato Neto é preciso, também, evitar a leitura de sua obra tomando como ponto de partida o suicídio, pois tal procedimento simplifica a sua produção e reduz a análise. Para compreender criticamente sua produção é preciso considerar sua trajetória – experiências pessoais e profissionais, o contexto histórico no qual sua produção está inserida e as influências recebidas. O suicídio não pode ser o eixo norteador da reflexão, ou seja, sua obra deve ser lida historicamente. Conforme observou o amigo Rogério Duarte:

[...] Torquato poderia estar vivo entre nós. Todos nós somos suicidas em potencial. [...] Embora ele tivesse uma tendência para a depressão, eu não vou negar, e suas letras falem de morte ou de fim, isto não quer dizer nada. Eu e muitos outros já escrevemos letras mais negras do que as dele e estamos aí, vivões. Não é por aí. Esta é uma pista óbvia demais. Pode ser falsa. Fundamentalmente, o que faltou a Torquato no momento mais crítico, num momento de grande dificuldade no país, foram exatamente as referências e os apoios mais sólidos. Ele se sentia sozinho. Ele não era Nosferatu. Ele era um grande poeta lírico, uma pessoa de grande delicadeza. Minha autoridade para falar sobre isso é conferida historicamente porque quando Torquato, Glauber e Hélio Oiticica se referiam a mim era sempre falando de amizade. Era sempre uma coisa amorosa. Essa autoridade é uma questão de dever, uma coisa meio trágica. É um dever meio hamletiano para com os mortos. [...] (DUARTE, 2003:137).

Após a análise dos textos produzidos por Torquato Neto - colunas, cartas, diário, poemas - pode-se defini-lo de muitas formas: extremamente sensível, crítico, politizado, inconformado, rebelde, anárquico, marginal, sarcástico, afetuoso, melancólico, introspectivo, consciente da realidade do país e de si mesmo sua condição de alcoólatra, sua doença, seus medos e frustrações.

Viveu em dificuldades financeiras, pois observa-se que para ele o trabalho era um meio de sobreviver, mas, principalmente, para realização de seus projetos. Suas colunas eram um espaço para colocar em debate suas teorias e propor algo novo. Suas ideias, defendidas de forma intransigente, no entanto, fizeram dele um “marginal”, pois discordava da ordem estabelecida – tanto no plano político como cultural.

Atormentado, viveu a contradição de ser lúcido e “louco” ao mesmo tempo. Revelou que tinha clareza de seus problemas, mas não via saída. Em suas anotações, cartas e colunas demonstrou ter consciência de que seu comportamento e sofrimento faziam sofrer aqueles que amava e por isso sofria por eles também. Com o suicídio, Torquato Neto evidenciou seu comportamento radical, com o gesto dramático e desesperado e quando não acreditou mais na possibilidade de resistir, de ocupar espaços, as brechas, quando não conseguir mais criar, despediu-se, registrando em um bilhete o sentimento de esgotamento: “*Pra mim chega!*”.

Enfim, através da análise da trajetória de Torquato Neto a pesquisa possibilitou a reflexão sobre o contexto histórico e o debate sobre a produção cultural no Brasil, durante a ampliação das medidas de cerceamento das liberdades e repressão a todos os movimentos sociais contrários à Ditadura Militar. A análise de sua produção: canções, colunas nos jornais, cartas e poemas, revelaram as diversas propostas de renovação da música popular brasileira em debate no período, além de apresentar a rede de relações estabelecidas entre artistas e

intelectuais que embora tivessem projetos distintos, compartilhavam a postura de oposição à Ditadura Militar.

REFERÊNCIAS

COELHO, Cláudio Novaes Pinto. A Contracultura: o outro lado da modernização autoritária. In: RISÉRIO, Antônio *et all.* *Anos 70: trajetórias*. São Paulo: Iluminuras / Itáu Cultural, 2005.

DOSSE, François. *O desafio biográfico: escrever uma vida*. [Tradução Gilson César Cardoso de Souza]. São Paulo: EDUSP, 2009.

DUARTE, Rogério. *Tropicaos*. Rio de Janeiro: Azouge Editorial, 2003.

MALATIAN, Teresa. Narrador, registro e arquivo. In: PINSKY, Carla Bassanezi e LUCA, Tania Regina de (Orgs.) *O historiador e suas fontes*. São Paulo: Contexto, 2009.

PIRES, Paulo Roberto. (Org.) *Torquato Neto: Torquatália – do lado de dentro*. Rio de Janeiro: Rocco, 2004. a

_____ *Torquato Neto: Torquatália – Geléia Geral*. Rio de Janeiro: Rocco, 2004. b

RIDENTI, Marcelo. *Em busca do povo brasileiro: artistas da revolução, do CPC à era da TV*. Rio de Janeiro: Record, 2000.

VAZ, Toninho. *Pra mim chega: a biografia de Torquato Neto*. São Paulo: Casa Amarela, 2005.